

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: ULRIKE OTTINGER E CECILIA MANGINI
CURTAS-METRAGENS DE LINO DEL FRA E CECILIA MANGINI
26 de outubro de 2021

BRINDISI'65 / 1965

Um filme de Cecilia Mangini

Realização e Argumento: Cecilia Mangini / Direção de Fotografia: Giuseppe Pinori / Música: Egisto Macchi / Montagem: Rosa Sala (pseudónimo de Silvano Agosti) / Produção: Cecilia Mangini Produzioni / Cópia: Ficheiro, preto e branco, falado em italiano, com legendas eletrónicas em inglês e português / Duração: 15 minutos / Inédito Comercialmente / Exibido a 22 de outubro no presente ciclo.

O TRIESTE DEL MIO CUORE / 1964

Um filme de Cecilia Mangini

Realização: Cecilia Mangini / Argumento: Aldo Oriani / Montagem: Luciano Trainini / Música: Egisto Macchi / Cópia: Ficheiro, a preto e branco, falado em italiano, com legendas eletrónicas em inglês e português / Duração: 16 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira Apresentação na Cinemateca.

FIRENZE DI PRATOLINI / 1959

Um filme de Cecilia Mangini

Realização e Argumento: Cecilia Mangini / Produção: G. L. M. / Texto: Vasco Pratolini / Direção de Fotografia: Giuseppe de Mitri, ajudado por Giosue Bilardi / Música: Egisto Macchi / Montagem: Renato May / Assistência de Realização: Enzo Ciruzzi / Organização: Renato Iaboni / Cópia: Ficheiro, a cores e a preto e branco, falado em italiano, com legendas eletrónicas em inglês e português / Duração: 16 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira Apresentação na Cinemateca.

SARDEGNA / 1965

Um filme de Cecilia Mangini

Realização: Cecilia Mangini / Produção: Ministerio dei Lavori Pubblici / Istituto Luce / Cópia: Ficheiro, a cores e a preto e branco, falado em italiano, com legendas em inglês e legendas eletrónicas em português / Duração: 8 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira Apresentação na Cinemateca.

SICUREZZA STRADALE, 1969 – GRANDE RACCORD ANULARE / 1964

Um filme de Cecilia Mangini

Realização: Cecilia Mangini / Produção: Ispettorato Generale Circolazione e Traffico, Ministero LL. PP., Istituto Luce Produzione Televisive / Cópia: Ficheiro, a preto e branco, falado em italiano, com legendas eletrónicas em inglês e português / Duração: 4 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira Apresentação na Cinemateca.

Duração aproximada da projeção: 59 minutos.

Aviso: não tendo sido possível obter uma cópia projetável de **Vecchio regno** (1959), passamos, em substituição, **Brindisi'65**.

Parece-me que a luta de Cecilia Mangini, enquanto fotógrafa e documentarista, a primeira realizadora documental da história do cinema italiano, sempre foi uma: dar voz a quem a não tem e bater o pé ao *statu quo*. Com uma vitalidade invejável, do alto dos seus 92 anos, Mangini dava uma entrevista durante a Viennale, em 2019 (publicada *online*, no YouTube, sob o título «Viennale Memories: Cecilia Mangini V'19»), e dizia-se uma anarquista, com várias pátrias, e que o cinema era um belo modo de vida, antes de ser uma forma de arte. Dir-se-ia que Mangini nunca excluiu ninguém da sua pátria sem um centro apenas, do seu país do cinema, sensualíssimo e bellissimo, revelador de uma sensibilidade e de uma temperança que não são de maneira alguma estranhas às que caracterizaram o cinema de um poeta de muitas artes, com quem colaborou no início da sua carreira: Pier Paolo Pasolini. Os “ragazzi di vita”, meninos que transformam as ruas das várias cidades sulistas da tal Itália emudecida, são os protagonistas nalguns dos seus primeiros filmes, tais como **Ignotti alia città** (1958) e, acima de tudo, **La Canta delle Marane** (1961). A marca do seu olhar radica nessa ideia de uma “canção das fossas” (*canta delle marane*), querendo dignificar esteticamente (mas sem “estetizar”) quem vive na miséria ou no abandono.

Os seus filmes são inequivocamente documentais, atravessados por uma veia lírica e etnográfica não muito distante de outro grande documentarista deste período, Vittorio De Seta, mas, ao contrário deste, associado sobretudo à paisagem siciliana e cantando a figura heroica do pescador mediterrânico, a preocupação de Mangini dirige-se essencialmente ao proletariado das cidades periféricas de Itália. Através do seu cinema, a documentarista propõe-se viajar e destapar as injustiças, tantas vezes ignóbeis (as condições de vida é que são ignóbeis, não as gentes), resultantes da exploração do homem pelo homem. Numa das suas últimas grandes viagens, mostradas no documentário feito por si, com a realizadora Maringela Barbanente, e que também lhe é dedicado, **In viaggio con Cecilia** (2013), Mangini é uma nonagenária de uma vitalidade e fúria de viver invejáveis. Diz que “Metade da Itália queria que o sul fosse deixado ao abandono” e que “Temos de aprender a dizer não, a criar dissensos” – aqui, Mangini parece ecoar o pensamento de Antonio Gramsci, em especial o seu apelo para que se destruam os centros de consenso da classe burguesa. Ora, nesse filme-viagem, realizado na companhia de Barbanente, faz o que fez nos títulos presentes nesta sessão: juntou-se a quem disse não (os trabalhadores contra todas as formas de monopólio), recusando-se a ceder, desde logo, à neutralidade conveniente típica dos documentários de encomenda e/ou televisivos.

Sobre esse ponto, importa destacar **Sardegna**, realizada para o Ministério das Obras Públicas, no âmbito da rubrica do Istituto Nazionale Luce, **L'Italia allo Specchio**, no sentido da divulgação de uma nova obra pública, a autoestrada que iria atravessar de norte a sul a ilha da Sardenha, mas que acabou por se revelar bem mais do que isso. Na realidade, a obra a divulgar constitui, aos olhos sempre-críticos de Mangini, uma oportunidade para se debruçar sobre a realidade social, política e económica da região negligenciada da Sardenha. Pondo de outra maneira, depois da infografia inicial, que desenha o retrato quanto à demografia e à mobilidade do povo sardo, Mangini produz um olhar acutilante baseado numa leitura histórica, económica e política da situação dos trabalhadores. O principal argumento é rapidamente formulado e aponta para o seguinte: urge combater o isolamento a que está votada a região, construindo novas infraestruturas, revitalizando a indústria, protegendo a agricultura e pastorícia tradicionais, fomentando o emprego e o desenvolvimento. Este documentário enforma de uma atitude política tipicamente manginiana: se pedem à realizadora para divulgar uma obra, ela falará desta mas também de todos os investimentos em falta, de todos os focos de atraso e injustiça que afligem aquela região. Por exemplo, em **Sardegna**, Mangini não perde tempo e, face ao retrato das necessidades da região, pergunta “Quantas escolas há?”, verificando, no terreno, que existem poucas e as que existem, como a de Orune, são de acesso difícil por parte da população, nomeadamente vivendo em Cagliari – diga-se, neste particular, que o apelo à iniciativa cultural na região revela, até certa medida, o apreço de Mangini pela filosofia marxista de Antonio Gramsci. É

assim que Mangini diz “não” a um suposto pedaço de propaganda governamental: ao invés de somente exaltar a obra prometida – naturalmente importante, tal não é negado nem subestimado –, aponta para todo o caminho ainda a percorrer rumo a uma vida digna.

Sicurezza stradale, 1969... é um produto televisivo, mais institucional, chancelado pelo Ministério das Infraestruturas e Transportes. Tem como objetivo a sensibilização rodoviária, versando sobre a circulação na artéria Grande Raccordo Anulare, em Roma. Mangini pega no mau exemplo de um condutor desvairado, o *cowboy* da estrada, e faz dele figura-síntese de tudo o que não se deve fazer ao volante. O mote é: “A estrada não é a pradaria”. O interessante aqui é o choque entre o mais anedótico e o mais dramático, a ideia de que a dura realidade é o ponto contra o qual acabaremos todos por embater.

Em Trieste, no título (falsamente) sentimental **O Trieste del mio cuore**, Mangini não perde tanto tempo assim a cantar a história e exemplo do povo dessa cidade portuária, a antiga “Riviera austríaca”. Sobre imagens de setores do porto aparentemente deixados ao abandono, o narrador, baseado no texto de Aldo Orian, diz: “Porque é que nos abandonaram? Porque é que os navios europeus passam ao largo e não atracam aqui? E a Itália?” O mote está lançado. Se Itália não liga a – nem canta mais – Trieste, Mangini, por seu lado, marcará presença aí mesmo, mostrando uma cidade-fantasma e elencando as promessas dos vários governos (investimentos de monta no cais que resultaram em nada) e confrontando estas com o presente desolado (vemos e ouvimos trabalhadores desmotivados, sem perspectivas de futuro). O texto lido em *over* – dispositivo típico na obra de Mangini desde os primeiros filmes escritos e/ou ditos por Pasolini – nasce desse embate com o presente, fazendo do cinema documental um fórum aberto à classe trabalhadora, auscultando “o homem da rua” e visando os centros do poder económico e político. O texto termina de modo inequívoco: “o caminho a seguir, é o socialismo. Sim, o socialismo é necessário para nós.”

“Estamos na Idade Média aqui”, desabafa um popular. A bolha industrial também “rebenta” no filme desenrolado a sul, perto da cidade natal de Mangini, Bari. Em **Brindisi’65**, a câmara viajante de Mangini desagua em Brindisi, cidade a braços com uma crise, onde um grande complexo petroquímico secou a economia local e onde agora, como desabafa um popular que ouvimos na banda sonora, “estão a despedir todos”. Outra popular fala em esperança, mas ciente de que poderá “morrer desesperada”. Numa cenografia e montagem à maneira do Eisenstein de **A Greve** (1925), Mangini mostra a classe dirigente de Brindisi comendo e bebendo, sorridente e anafada. A linguagem é maniqueísta mas também é inequívoca, caracterizada por “uma força invulgar”, como escreve Joana Ascensão na Folha de Sala da sessão do dia 22 de outubro. Mangini está com o povo, isto é, com quem aufere, se aufere sequer..., “salários miseráveis” e se apresenta amordaçado pela tirania das chefias. Quanto a esta incapacidade de dizer “não” que aflige – e apouca – toda uma classe trabalhadora, é muito eloquente a sequência em que os operários revelam, na expressão do rosto, no seu silêncio saturado, medo de responder às questões colocadas pelo entrevistador.

Em **Firenze di pratolini**, e um pouco como na célebre sinfonia urbana dedicada à cidade de Paris **Rien que les heures** (1926) de Alberto Cavalcanti, conhecemos a cidade de Florença através do curso do rio Arno, por onde passam os trabalhadores, de uma margem para a outra, mas também à volta do qual a vida corre, em ritmos dissonantes, para desaguar, muitas vezes, em agruras e dificuldades. As páginas desta história, escrita pelo neorrealista Vasco Pratolini, em homenagem à sua cidade natal, aparecem-nos repletas de vida. Florença é de quem trabalha e de quem ama. E de quem joga, de quem brinca, começando, claro, pelas crianças, perfeitos *alter egos* da atividade que consagrou Mangini no âmbito da fotografia de rua (alguns planos mimam os temas e estilo de fotografias, tiradas por Mangini em todo o mundo, exatamente onde a vida é mais intensa, isto é, na pele da cidade). Mas o cinema de Mangini nunca se esquece de quem não pode amar, brincar, jogar; enfim, de quem não tem trabalho e anseia pelo pão nosso de cada dia. Os pobres, os velhos, os “danados da vida”, como dizia Baudelaire, são temas desta sinfonia dedicada a Florença e assim tinha de ser: Mangini não abdica de uma visão socialmente consciente e intensamente humana.

A ferida aberta pertence ao presente, mas a câmara inquiridora e sensível de Mangini também evoca/convoca as dores do passado – canta a resistência de homens e, sobretudo, de mulheres que passaram pela tormenta da guerra. Em **Firenze di pratolini**, há uma extraordinária montagem alternada, com imagens de ficções assinadas por Alessandro Blasetti e Carlo Lizzani, a dar conta desse passado ainda bem presente, como um trauma mal resolvido que não dá descanso. Neste filme, mas também no seu opúsculo em defesa do povo de Trieste, a realizadora evoca um passado vivido entre o terror do fascismo e a luta heroica da Resistência. Não é uma acusação, mas uma chamada de atenção para aquela Itália brava que muito sofreu e resistiu mas permanece(u) silenciada.

Luís Mendonça